

CRÍTICA, PERPLEXA, DE INTERVENÇÃO E DE DENÚNCIA: a pesquisa já foi assim na América Latina

BERGER, Christa

Pós-Doutorado pela Universidade Autônoma de Barcelona, UAB, Espanha; Doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo, USP, Brasil; Mestrado em Ciência Política pela Universidad Nacional Autónoma de México, UNAM, México.

RESUMO

A intenção, neste texto, é refletir sobre a pesquisa desenvolvida na América Latina, com o objetivo de denunciar a comunicação de massa, identificando seus pressupostos teórico-metodológicos e a localização de seus pólos de difusão. Identifico, na teoria crítica a inspiração epistemológica; na realidade latino-americana a emergência de intelectuais comprometidos que deram guarida a este enfoque; e na Venezuela, Chile e México os países que melhor acolheram esta matriz.

Por fim, pretendo acompanhar as apropriações acadêmicas, sociais e culturais desta perspectiva teórico-política que fundou a pesquisa em comunicação na América Latina e onde se encontram seus desdobramentos nos dias atuais.

Palavras-chave: Teoria da Comunicação. América Latina. Tendências.

1 INTRODUCTION

As teorias não são abstrações, desvinculadas das condições sociais que lhe servem de pano de fundo. Ao contrário, conta-se através das construções teóricas a história vivida por homens e mulheres que, ao pensar e produzir, deixam em seus escritos as pegadas do tempo e do lugar em que florescem. Assim como o desenvolvimento da Communication Research se deveu a uma demanda do mercado publicitário norte-americano, o desenvolvimento da teoria da comunicação latino-americana deveu-se a uma necessidade de resistência política e cultural. São necessidades sociais e urgências históricas que dão sentido ao estudo científico da comunicação na América Latina. Empreender a viagem de retorno ao nosso passado teórico buscando as pegadas deixadas por autores e livros na crítica à "comunicação dominada" é o propósito deste texto. A suposição é que, naquele momento, inaugura-se uma reflexão efetivamente latino-americana; é com essa perspectiva que as condições estruturais de subdesenvolvimento são consideradas e expandidas na análise dos fenômenos comunicacionais.

Na década de sessenta, como ensina Hobsbawm, (1995) o centro de gravidade do consenso que faz fluir a história girou para a esquerda. Se na Europa, o Maio de 68, aponta este giro, na América Latina é para Cuba que os olhares se dirigem. Girar para a esquerda na América Latina significava também girar para o futuro. Cuba nutria a esperança, oferecendo possibilidades renovadas sobre velhos problemas. Existia uma teoria que iluminava o processo social (o marxismo-leninismo), um sujeito revolucionário (o proletariado e seus aliados) e as massas estavam prontas para a mobilização. O caráter socialista da sociedade de amanhã não estava em questão, em compensação a história linear e progressiva viria logo a ser posta em xeque.

O primeiro obstáculo à concretização do sonho socialista na América Latina foi a implantação de ditaduras militares no Cone Sul. E, com elas a experiência da expulsão e da perseguição. Ao mesmo tempo, surgem os primeiros sinais de envelhecimento da ainda jovem revolução. Preocupada em dar conta da dinâmica do poder relevou a democracia e, pensando na igualdade econômica esqueceu outras necessidades e aspirações.

É neste contexto que a Comunicação de Massa - como investimento econômico e projeto político - é introduzida no continente. Comunicação identificada com a televisão, (e esta com modernização) e com financiamento norte-americano(e este com desenvolvimento).

Sem relevância para ser estudada pelas Ciências Sociais, com pesquisas empíricas desenvolvidas para responder ao emergente mercado publicitário e com raras iniciativas nas Universidades, onde vigora um enfoque funcionalista simplificado, reproduzido também no Ciespal; é, na conjunção política e cultura, que dá aos intelectuais uma perspectiva de esclarecimento e intervenção contestatória, que a Indústria Cultural será estudada, fazendo desabrochar esta que será a matriz do pensamento comunicacional latino-americano: a pesquisa crítica e de denúncia.

Numa enquete realizada por Gómez Palacios em 1992, com 50 pesquisadores latino-americanos sobre as principais influências teóricas na região, o resultado confirma nossa apreciação. Em primeiro lugar estão os trabalhos de [Armand Mattelart](#) e seu grupo no Chile; em segundo Antonio Pasquali da Venezuela; em terceiro, [Luis Ramiro Beltrán](#) da Colombia; em quarto, [Eliseo Verón](#), da Argentina e em quinto, [Paulo Freire \(1\)](#) com seus trabalhos produzidos desde o Chile. Todos imbuídos de uma abordagem crítica da comunicação, vinculando-a à realidade de seus países. Acrescento neste panorama o Instituto Latinoamericano de Estudos Transnacionais (ILET), do México, que reuniu um grupo de exilados como os chilenos Juan Somavia e [Fernando Reyes Matta](#), os argentinos Hector Schmucler e Mabel Piccini e o peruano Rafael Roncagliolo.

Não pretendo discorrer sobre estes autores, apenas reconhecer na sua obra o ponto de confluência da reflexão sobre a Indústria Cultura e verificar o que, a despeito das diferenças, os identifica no quadro de uma proposta crítica e de um projeto de pesquisa comum, dando início a uma possibilidade de interpretação da comunicação no contexto da América Latina.

O instituto pioneiro desta perspectiva é o Centro de Estudos da Realidade Nacional (CEREN) do Chile que através de seu Cuadernos de la Realidad Nacional tornou conhecido Armand Mattelart [\(2\)](#), e passou a refletir em todos os números a

problemática da comunicação. Já na primeira edição, Mattelart escrevia: *Prefiguración de la ideología burguesa*; e no segundo *Los medios de comunicación de masas: la ideología de la prensa liberal en Chile*. Muitos anos depois, refletindo sobre o Chile, ele dizia: "Y es a partir de esa experiencia que aprendí una cosa esencial: que no hay una teoría de la comunicación sin una teoría de las clases sociales, sin una teoría del Estado, sin una teoría de las ideologías. Pero más aún: he llegado a la conclusión de que no habrá teoría crítica y práctica crítica de la comunicación, si no empezamos a ligar el problema de la comunicación con el problema de la teoría del partido, con la teoría de la organización de masas."(1981,84)

Também nos anos 60, Antonio Pasquali (3), professor de filosofia e ética da Universidad Central da Venezuela, participa da fundação da escola de jornalismo e, trabalhando com teorias audiovisuais escreve para a primeira antologia do curso - *Os intelectuais e a linguagem audiovisual*, iniciando ali, seu percurso de teórico da comunicação. Já no primeiro livro, *Comunicação e Cultura de Massas* (1963) dá início à análise dos mecanismos de dependência cultural que, anos mais tarde, retomará em *Compreender a Comunicação*,(1979) quando as relações entre comunicação e política estão mais entrelaçadas, denunciando o movimento existente entre a estrutura transnacional de poder e a instalação da Indústria Cultural na América Latina, e a concomitante necessidade de defesa da identidade cultural regional. Em 1973 será criado o Instituto de Investigaciones de la Comunicación (ININCO), onde junto com Pasquali, o grupo de pesquisadores irá, além de desenvolver estudos teóricos, elaborar projetos de políticas de comunicação para a Venezuela, como é o *proyecto Ravelve* de radiodifusão.

O terceiro citado é Luis Ramiro Beltrán (4), cujo trabalho principal, é o livro *Comunicação Dominada*, apresentado pela editora Paz e Terra no Brasil como "inscrevendo-se no conjunto dos trabalhos pautados na busca incessante da identidade cultural..., procurando integrar o fenômeno da comunicação no conjunto das políticas de dominação econômica e política sem fugir ao domínio específico dos meios de comunicação como instrumentos de intervenção cultural". Na página 29, encontramos: "O imperialismo cultural através da comunicação não é um fenômeno ocasional e fortuito. Para os países "imperiais", trata-se de um processo vital destinado a assegurar e manter a dominação econômica e a hegemonia política sobre os demais. Este é, evidentemente, o caso das relações entre os Estados Unidos e a América Latina." A partir desta compreensão, busca identificar os mecanismos que transmitem a influência norte-americana: as agências internacionais de notícia e de publicidade, as firmas internacionais de opinião pública, as pesquisa de mercado e relações públicas, os

exportadores de materiais de programação impressos, auditivos e audiovisuais, entre outros, dando como exemplo, que no Chile de Allende "surpreendentemente" havia aumentado a importação de programas de TV norte-americanos.

Na Argentina, Eliseo Verón (5), apresenta em um seminário de linguística, um texto de análise da imprensa. O que ele faz é tirar a problemática ideológica do marco da sociologia do conhecimento trazendo-a para a análise da comunicação. Para Verón, "a ideologia é o modo natural de existência da dimensão significativa dos sistemas de relações sociais." (1968) É no Centro de Investigaciones Sociales del Instituto Torcuato di Tella, que Verón, Prieto e Masotta desenvolverão a preocupação pela interpretação ideológica dos meios e buscarão uma síntese teórica entre psicanálise, marxismo e lingüística estrutural, que encontrou uma ampla repercussão em toda a América Latina.

Na maioria dos textos produzidos neste giro à esquerda percebe-se que a pesquisa na perspectiva crítica confunde-se com o comprometimento político: era preciso denunciar o funcionalismo, a televisão comercial, os fluxos internacionais da notícia, as histórias em quadrinho, as políticas de comunicação (ou a falta delas), as corporações multinacionais, a Indústria Cultural, a estrutura transnacional de informação, o cinema de Hollywood, a manipulação ideológica, a infraestrutura e a superestrutura, a publicidade e as pesquisas de opinião, as novas tecnologias, a miséria da informação, o imperialismo cultural. Estas são as modalidades discursivas que (d)enunciam a Comunicação de Massa nos anos 70. O panorama resultante das pesquisas nesta perspectiva era sombrio: da economia política à semiologia; dos marxistas aos estruturalistas, da Universidade aos Centros de pesquisa, tudo desembocava na crítica aos meios - sua estrutura produtiva, sua programação e suas mensagens. A convergência da análise ideológica com a da teoria da dependência econômica tornava clara e concreta a complexa rede de dominação. E nisto todos estavam de acordo quando escreviam naquele tempo, tanto na teoria da comunicação como na literatura: os Estados Unidos eram os nossos inimigos e as palavras eram as nossas armas. Neste sentido, quero lembrar o livro Bom Dia para os Defuntos, do peruano Manuel Scorza, que descreve o conflito entre os moradores de um pequeno povoado e uma companhia de mineração norte-americana (Cerro de Pasco Corporation), entre 1950 e 1962. Os camponeses expulsos de suas terras, resistem: "Os gringos nos cercam e nos perseguem como ratos. A terra não é deles. A terra é de Deus. Ou será que trouxeram a terra nos ombros?" Eles são massacrados pelo exército peruano, em defesa dos lucros da empresa estrangeira: "A cerro de Pasco Corporation, por cujos interesses foram fundados três novos cemitérios consignou, em seu último balanço, vinte e cinco milhões de lucros."

Encerro o parênteses que pretende apenas mostrar que a ficção, neste período, também se aliava à denúncia da dominação econômica.

O fato de o termo Indústria Cultural estar presente em todos os textos de comunicação da época não imprime unidade de análise aos autores nem os filia, automaticamente, à escola de Frankfurt que conceituou assim o fenômeno. Para alguns o termo permite a descrição do funcionamento da produção industrial da cultura. Para outros, a cultura se transforma em ideologia ao ser veiculada na Indústria Cultural. Para outros, ainda, é o caráter mercantil da cultura industrial que merece a designação. Para Adorno e Horkheimer, conforme Francisco Rüdiger, o "problema consiste em saber como esses fenômenos se inserem na crise da cultura moderna provocada pelo progresso do capitalismo". A proposição dos autores, significa que a reflexão sobre a Indústria Cultural obedece aos seguintes princípios:

- "1. A perspectiva de interpretação se interroga sobre a estrutura e função da cultura mercantil no contexto do processo global da sociedade.
2. A hipótese básica é a de que essa cultura produz e reproduz em termos econômicos, técnicos e espirituais as categorias e contradições sociais dominantes.
3. Os fenômenos de indústria cultural são tratados como fatos sociais que devem ser julgados de acordo com certos critérios de valor imanentes, descobertos através de uma reflexão histórica." (Rüdiger, 1999, 31)

Resumidamente, podemos dizer que a pesquisa que estamos analisando, concentrou-se em duas áreas temáticas:

1. Estudos da estrutura de poder dos meios e comunicação - transnacional e nacional- e as estratégias de dominação nos países capitalistas;
2. Estudos sobre as formações discursivas e as mensagens da cultura de massas desde suas estruturas de significação.

Buscando relacionar os princípios analíticos propostos pelos frankfurtianos com a orientação nas pesquisas latino-americanas, observamos que estas consideraram a estrutura e função mercantil bem como reconheceram na cultura expressões das contradições dominantes. Em ambos os casos - nos que acentuam a dependência cultural dos países latino-americanos e nos que buscam revelar os aspectos estruturais do discurso de massas na sua articulação com a ideologia dominante - se acumulou um considerável material empírico, portanto, de análises conjunturais, mas, estas, destacaram mais a unidade global da dominação, enfatizando a homogeneidade das formas de poder do que, as especificidades que o material empírico podia fornecer, favorecendo as interpretações generalistas.

Retornando, outra vez, aos autores citados como referência e que estamos considerando como a geração que desde a comunicação, pensou a América Latina ou desde a América Latina compreendeu o processo de comunicação massiva, observamos que todos tiveram a preocupação por compreender o desenvolvimento cultural na relação com o desenvolvimento do capitalismo - neste caso da Indústria Cultural latino-americana com o imperialismo norte-americano, destacando-se, neste contexto teórico o conceito de ideologia (este seria o segundo termo mais empregado), tanto pelos analistas da estrutura de poder como pelos analistas do discurso, que realizavam um esforço adicional de unir o econômico com o cultural. Com as análises conjunturais pensavam dar sequência ao pensamento ensaístico da escola de Frankfurt, pois preenchiam de conteúdo empírico às reflexões propositivas iniciais.

Ludovico Silva em Teoria y Practica de la Ideologia é exemplar para demonstrar os caminhos da reflexão proposta: "Como puede estudiarse la ideologia que se difunde en el subdesarrollo, la ideologia subdesarrollante, aislada del subdesarrollo? Aislar la televisión de su contexto: el subdesarrollo, es practicar el mismo absurdo teórico, entre otras razones porque la televisión, junto com los otros medios masivos, constituye la más genuina expresión ideológica del subdesarrollo.(1971,188)

Se bem a reflexão dos anos 70, considerada por nós como comprometida e crítica, não representa a escola de Frankfurt fielmente, tomando-a mais como inspiração do que como método, são estes textos e autores que atualizam a perspectiva crítica no que ela oferece de possibilidades, em primeiro lugar, de pensar a comunicação com as teorias da sociedade, (ora com mais ênfase nos aspectos econômicos, ora com mais ênfase nos aspectos políticos), mas, sempre com o tom de perplexidade na busca por decifrar as relações culturais existentes no capitalismo. Com o contexto favorável à crítica e com a pressa que estes contextos pedem respostas, os estudiosos tomaram a comunicação como fenômeno evidente para demonstrar suas hipóteses teóricas e provar seu ponto de vista político. Mas esta posição, pela repetição, pela simplificação e pelo mecanicismo da abordagem esgotou-se: foi quando denunciar já não bastava - nem na política, nem na teoria. Foi quando também se confundiu a teoria crítica da escola de Frankfurt com as apropriações ligeiras e se passou a criticar indistintamente uma e outras. Entre as inúmeras apreciações e balanços da época se destaca a revisão sistemática de Jesus Martin Barbero (6). Naquele período, na busca por sair do impasse da crítica que falava para si mesma, dois caminhos se alternaram.

Por uma trilha (suponho que de avião) desembarcamos na Comissão Internacional para o Estudo dos Problemas da Comunicação, proposta pela Unesco em

1977 que produziu o relatório denominado Nova Ordem Mundial da Informação e da Comunicação - NOMIC - e nos deparamos com uma América Latina, pensada desde o Estado - ativa, solidária, esperançosa de reverter o processo em curso, para descolonizar a informação e retirar o entretenimento do limbo da alienação. Com dois latino-americanos na comissão, (Gabriel Garcia Márquez da Colômbia e Juan Somavia do Chile) entre os 16 membros, o documento final de 500 páginas previa fontes de informação alternativas para cobrir nossos acontecimentos: o fluxo podia correr nossos países através do nosso olhar - subdesenvolvidos, mas em processo de libertação. A democratização da informação acompanharia o ressurgimento da democracia política e o desenvolvimento de projetos econômicos nacionais na região. A América Latina aflorava vitoriosa nos textos de proposição das Políticas de Comunicação para os países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento. A cultura latino-americana se insurgiria contra a dominação cultural estrangeira, lutando contra a desigualdade nos fóruns internacionais propostos pelos dominantes. (7)

O ILET no México se aproxima desta perspectiva, baseando-se no conceito de dependência, analisou o fenômeno da dominação, através de estudos de caso que mais tarde foram reunidos no livro, A Informação na Nova Ordem Internacional.(1976) Pela outra trilha, desembarcamos (de trem, a cavalo, a pé) nos projetos de comunicação popular e alternativa. Por todo os lados surgiam experiências de inversão dos usos dos meios. O cassete-fórum de Mario Kaplun no Uruguai, as rádios mineiras na Bolívia, a imprensa nanica no Brasil, os vídeos populares na Venezuela evidenciavam um outro acesso e uma nova possibilidade para os meios. A esquerda acadêmica em crise política e teórica, abraçou esta "outra" comunicação, protagonizada pelas classes subalternas, buscando através dela a possibilidade de se transformar no intelectual orgânico descrito por Gramsci que começava a substituir as referências à Frankfurt, ocorrendo, posteriormente, o mesmo fenômeno de esvaziamento da teoria pela apropriação superficial e mecanicista. A pesquisa-denúncia foi substituída pela pesquisa-ação , uma perspectiva não só comprometida como militante para o trabalho acadêmico. Na sequência da denuncia em relação à comunicação transnacional e dominadora havia que se vislumbrar perspectivas locais, nacionais, de classe, portanto, alternativas e populares. Um projeto político mais que uma proposta teórica, que mobilizou pesquisadores e frutificou junto aos movimentos populares. (8)

Chegamos assim aos anos 90, carregados de livros-panfletos que nos ensinaram sobre os sistemas de comunicação e seu poder de manipulação ideológica; na bagagem se confundem, ainda, relatórios, projetos e cartas de intenção de intelectuais ativos e governantes, com manuais de outros intelectuais, também atuantes, para produzir um

jornal alternativo, uma rádio clandestina ou um mural junto com o povo. Os dois caminhos andados são devedores da pesquisa realizada nos anos 60 e 70, o primeiro já se vislumbrava na preocupação por políticas públicas de comunicação e, o segundo, já se encontrava na análise do Pato Donald, por exemplo, quando Mattelart sugeria a produção de quadrinhos alternativos aos dominantes personagens imperialistas. Poucos seguiram na perspectiva de aprofundar a teoria crítica já que esta foi sendo estigmatizada como elitista e ultrapassada. Hoje encontramos um chavão acadêmico que identifica nestes estudos um pessimismo radical e paralizante. (9)

Mas as razões da denuncia permanecem, mesmo passados 30 anos, talvez até acirradas neste final de milênio, onde a exploração e a dependência econômica se acentuam, bem como a manipulação política e o esvaziamento cultural. Como diz Octávio Ianni: "Na medida em que o capitalismo continua a processar a globalização do mundo, emergem relações, processos e estruturas próprias desse mundo. Este é um aspecto fundamental da grande transformação que se acha em curso no mundo contemporâneo: o desenvolvimento extensivo e intensivo do capitalismo continua a alcançar, absorver e reabsorver os mais diversos espaços, modos de vida, trabalho e cultura."(1995,p.147)

Se as razões da denuncia permanecem integralmente, a denuncia acadêmica e/ou política se esvaziou de conteúdo pela repetição simplificada dos argumentos. Por outro lado, também os dois caminhos subsequentes se perderam: as ilusões do Estado capaz de transformar a vida cotidiana com a aquiescência de organismos internacionais, como a ONU e a UNESCO já foram enterradas e a comunicação popular e alternativa capaz de se contrapor com êxito à Indústria Cultural, (nesta dicotomia tão cara aos anos 60"s), também já não pertencem ao nosso mapa de possibilidades. A pesquisa acadêmica em comunicação encontrou temas mais rentáveis e de acordo com os novos tempos, já que a produção de conhecimento está sempre ancorada na história vivida. E esta guinada à direita não é privilégio nem da comunicação nem da América Latina, basta ver a polêmica de Pierre Bourdieu com os intelectuais franceses, que ele acusa de deslumbrados com a mídia e cúmplices do neo-liberalismo.(10)

Nos anos 90 os centros de pesquisa se transformam em instituições administrativas que lutam por sobreviver, as disputas de idéias vão sendo substituídas por disputas de espaço, o intelectual crítico dá lugar ao especialista técnico, e a política como ponto de vista privilegiado de reflexão sobre a comunicação é trocada pelo marketing como instrumento de atuação eficiente. Alguns resistem, ficam fora dos circuitos, congelados no tempo, são estudados como parte do passado, que nos cabe ora reverenciar, ora desprezar, com poucas possibilidades de incorporação na produção

de um projeto de pesquisa atual. Trago como exemplo, o que primeiro falou de comunicação desde a América Latina e o primeiro colocado na pesquisa sobre as principais influências, Antonio Pasquali - que identificou pioneiramente na questão dos audiovisuais, já em 63, um problema que diz respeito à ética da imagem, atualizando sua preocupação com o cinema. Que reconheceu na televisão a introdutora da Indústria Cultural observando que a tecnologia incrementa o acesso mas não a participação, que apostou (assinando em baixo do relatório MacBride) que boas políticas públicas de comunicação poderiam resistir à dominação estrangeira. Todas estas questões se encontram no livro *El Orden Reina*, publicado em 1991, onde reúne artigos e conferências suas dos últimos anos buscando responder: "Que hacer después de 25 años de intensa actividad tendente a transformar el sistema de comunicación regional?" Entre autocríticas e projetos, ele reconhece - "todo esse enorme trabajo debe ser calificado hoy, com lucidez, como un fracaso." (p.164) A primeira razão para o fracasso é na opinião de Pasquali: "porque esa investigación no supo convencer a los poderes democráticamente constituidos. No supo convencer a las fuerzas políticas y a las bases populares, consumidoras de bienes culturales." Nesta nova fase, para ele é "imperativo suscitar un discurso transacademico, transpolítico y transideológico, tanto sobre comunicación como sobre cultura."

No prefácio deste livro, ele reafirma que o problema da comunicação é um problema econômico: "Esse aspecto de la dependencia, com sus altibajos, no es nada novedoso para el venezolano o para el latinoamericano. Aunque nunca hay que acostumbrarse a ella, es para nosotros la rancia tradición, la pequeña humillación diaria de sociedades que no fueron educadas a un sano orgullo por sus propias comunicaciones. Dependencia culposa, pero tan rutinaria que mucha gente, aun bien intencionada, la considera un mal inevitable." (p.15)

"Más que en cualquier outro período precedente, los controladores de la comunicación cercenada, los concessionarios de aquí e acullá y los aspirantes privatizadores del alma colectiva, creen ahora haber silenciado o estipendiado hasta el ultimo resistente, y que el sol del porvenir brilla en exclusiva sobre sus frentes de mángers triunfadores. Capítulo local de una generación que está vendiendo Latinoamérica al mejor postor, ellos exaltan a página entera: "la alta rentabilidad de las inversiones privadas en telecomunicaciones". Que importan los muertos de hambre si los negocios de los negociantes prosperan y los Bancos Centrales gozan de buena salud contable." (p.10)

E foi este o lamento que sacudiu e percorreu a América Latina através das palavras de Manuel Scorza, Eduardo Galeano, Octávio Paz, Gabriel Garcia Marquez e tantos outros escritores, artistas, jornalistas e intelectuais.

Se as premissas que levaram à denúncia ainda moldam a vida na América Latina, não é nas universidades, nos centros de pesquisa ou na literatura que elas são refletidas. Nos cabe, portanto, observar; primeiro, o que acontece com o vazio deixado por este tipo de pesquisa, e, segundo, onde esta inquietude encontrou lugar para ecoar.

Há, pelo menos, duas maneiras de olhar a renúncia desta perspectiva no interior da universidade:

1. desideologizando o discurso acadêmico, desincumbindo-o de fazer política, talvez a pesquisa se emancipe e possa produzir uma crítica teórica esclarecedora que retorne, outra vez, ao inconformismo;
2. desideologizando o discurso acadêmico, pode virar as costas aos problemas sociais, comprometendo-se tão somente com as demandas propostas pelo mercado e sentir-se, assim, de acordo com o contexto histórico atual.

Novamente, e, com toda a razão, está em pauta a responsabilidade dos intelectuais no esclarecimento do mundo.

Sobre a segunda questão, por onde andam os resquícios da crítica e da inconformidade, se a matéria prima delas, geradas lá nos anos 60 se aguçam, penso que elas não desapareceram da vida social, mas foram se deslocando para outros lugares. Sem pretender trazer os exemplos mais significativos, quero ilustrar este deslocamento, com dois grupos em que a modalidade da comunicação hegemônica é questionada. A organização não governamental Tver - direito dos telespectadores, do Brasil, e o Exército Zapatista de Libertação Nacional, do México. O primeiro um "grupo multidisciplinário, formado por especialistas de diversas áreas do conhecimento para intervir de forma plural na sociedade brasileira a partir do Estado, do mercado, das organizações sociais, educacionais e contribuir desde a nossa experiência para a conquista do direito do telespectador." (1999) Um projeto transpolítico, transcadêmico e transideológico que busca acompanhar, pesquisar, analisar e disponibilizar via Internet resultados de suas observações da Indústria Cultural para intervir na sociedade.

O segundo, um grupo guerrilheiro, propõem, a partir, de sua crítica ao modelo econômico uma política de comunicação na qual está incluída a crítica aos meios e suas coberturas dos movimentos sociais, além de uma produção sofisticada - técnica e informativa - sobre o Movimento mas, também, sobre política internacional, através de

um site na Internet (11). Diz o comandante Marcos: " Mienstras no tengan solución estas justas demandas de nuestros pueblos estamos dispuestos y decididos a continuar nuestra lucha hasta alcanzar nuestro objetivo. Para nosotros, los más pequeños de estas tierras, los sin rostro y sin historia, los armados de verdad y fuego, los que venimos de la noche y la montaña, los hombres y mujeres verdaderos, los muertos de ayer, hoy y siempre...para nosotros nada. Para todos todo. Libertad. Justicia. Democracia." (1994)

Ao trazer estes dois exemplos, quero dizer que a América Latina denunciada pelos intelectuais nos anos 60/70 e afastada do discurso acadêmico atual, em que prospera um olhar fragmentado e despolitizado, com intelectuais desejosos de aproximar seu discurso do discurso midiático, está presente nestes opostos de intervenção política. No discurso dos intelectuais brasileiros formados e atuando na academia, que desde 1998 estão reunidos na Organização Não Governamental Tver onde desemboca a preocupação pela qualidade da programação popular televisiva. E no Exército Zapatista de Libertação Nacional, que leva às últimas consequências as constatações acadêmicas, ao propor "La palabra de los armados de verdad y fuego". Em ambos a crítica à modalidade discursiva da Indústria Cultural - telenovelas, publicidade e informação - e seu caráter alienador e, em ambos, a incorporação do que há de mais atual - a Internet. Ambos veiculam suas críticas e informações tendo como suporte a Internet (12). E o comandante Marcos é um especialista (intuitivo?) em marketing político, outra característica de nosso tempo. Refletir sobre ONG`S e Movimentos Revolucionários é buscar os resquícios das análises iniciadas há muitos anos, mas, é também, buscar possibilidades atuais de fazer política aliada à reflexão.

Mas, talvez, repetindo Walter Benjamin, que escreveu, em tempos também sombrios: "só por amor aos desesperados conservamos ainda a esperança." E na América Latina os desesperados somos muitos.

NOTAS

1) Paulo Freire, escreveu Comunicação ou Extensão, em 1968 no Chile pensando nos processos de aprendizagem. Sem tratar da comunicação massiva, este livro orientou muitas interpretações na área pois nele está contida a crítica principal aos meios de comunicação: de serem meros instrumentos de transmissão, de tratarem os destinatários como meros receptores e de impossibilitarem relações dialógicas. ◀

2) O livro que tornou Armand Mattelart, realmente, conhecido foi Para ler o Pato Donald, publicado no seu período chileno, quando ele se tornou uma referência na América Latina. ◀

3) Professor da Universidade Central da Venezuela, diretor da escola de Letras, Fundador e diretor do Centro Audiovisual do Ministério de Educação, trabalhou para a Unesco. Foi um dos redatores do projeto do Conselho Nacional da Cultura. Escreveu:

* Antología de Textos para la Catedra de Información Audiovisual - Caracas, Ediciones de la Biblioteca de la Universidad Central de Venezuela, 1960

* Comunicación y Cultura de Masas - Caracas, EBUVC, 1963

* Fundamentos gnoseológicos para una ciencia de la moral, EBUVC, 1963

* El Aparato Singular: Analisis de un día de TV - Caracas, Monte Avila Ed., 1967

* Comprender la Comunicación - Caracas, Monte Avila Ed, 1979

* La Comunicación Cercenada - Caracas, Monte Avila Ed., 1990

* El Orden Reina - Caracas, Monte Avila Ed., 1991 ◀◀

4) Comunicação Dominada foi escrita em parceria com Elizabeth Fox de Cardona. ◀◀

5) O livro Ideologia, Estrutura e Comunicação traz a preocupação de Verón com o problema da comunicação e da ideologia, principalmente contida no texto As ideologias estão entre nós. ◀◀

6) A obra de Jesus Martin Barbero é das mais extensas na América Latina, destacando-se sua preocupação (abordada em diversos artigos) de revisão crítica do percurso andado pela teoria da comunicação, como se vê, no Panorama bibliográfico de la investigación latinoamericana en comunicación, e em Retos a la investigación de Comunicación in América Latina. ◀◀

7) O relatório foi publicado em livro Um Mundo e Muitas Vozes, Unesco, Fundação Getúlio Vargas, RJ, 1985 ◀◀

8) Na América Latina este é um tema fartamente tratado, principalmente através de artigos. Máximo Grinberg escreveu foi um dos primeiros livros A Comunicação Alternativa na América Latina. Maria Cristina Mata, Alfredo Paiva, Nestor Canclini e Barbero também se engajaram nesta reflexão. ◀◀

9) Francisco Rudiger faz uma reconstrução da crítica à Indústria Cultural concebida por Adorno, e sugere a retomada de um projeto de pesquisa nesta linha, em Comunicação e Teoria Crítica da Sociedade. ◀◀

10) Tanto em Sobre a Televisão como em Contrafogos, Pierre Bourdieu reflete sobre os intelectuais e a mídia. Ele diz, por exemplo: É preciso inventar novas formas de comunicação entre os pesquisadores e os militantes, ou seja, uma nova divisão do trabalho entre eles. Uma das missões que os pesquisadores podem cumprir, talvez melhor que ninguém, é a luta contra o "martelamento da mídia". Ouvimos, durante dias inteiros frases feitas. Não se pode mais ligar o rádio sem ouvir falar de "aldeia planetária", de "mundialização". São palavras que parecem inocentes, mas através das quais passa toda uma filosofia, toda uma visão de mundo, que gera o fatalismo e a submissão."(1998,77) ◀◀

11) O site do EZLN, é: <http://www.ezln.org/> ◀◀

12) O site da Tver é: www.tver.org.br ◀◀

BIBLIOGRAFIA

Aguirre, Jesus Maria. De la Práctica Periodística a la Investigación Comunicacional. Fondo de Publicaciones Fundación Polar-UCAB. Caracas, 1996.

Barbero, Jesus Martin. Panorama bibliográfico de la investigación latinoamericana en comunicación. Telos, n.19, Madrid.1989

Barbero, Jesus Martin. Retos a la investigación de Comunicación en América Latina. Revista Univalle. n.8 , Colombia, 1981 ◀◀

Barrios, Leoncio. La Formación de Investigadores de la Comunicación Social. Mimeo. UCV. Caracas. 1978

Beltrán, Luis Ramiro; Cardona, Elizabeth Fox. Comunicação Dominada. Paz e Terra. Rio de Janeiro.1982 ◀◀

Bisbal, Marcelino. La Mirada Comunicacional. Alfadil Ediciones, Caracas, 1994

Bisbal, Marcelino. La Ideologia como Mensaje y Masaje. Monte Avila Editores. Carcas, 1980.

Bourdieu, Pierre. Contrafogos. Táticas para enfrentar a invasão neoliberal. Zahar. Rio de Janeiro.1999

Bourdieu, Pierre. Sobre a Televisão. Zahar. Rio de Janeiro. 1997 ◀◀

Chiapas. La alabra e los armados de verdad y fuego. Entrevistas, cartas y comunicados del EZLN. Ediciones del Serbal. México.1994

Freire, Paulo. Extensão ou Comunicação. Paz e Terra. São Paulo. 1969 ◀◀

Grinberg, Máximo. A Comunicação Alternativa na América Latina. Vozes. Petrópolis. 1982 ◀◀

Ianni, Octávio. Teorias da Globalização. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro. 1995 ◀◀

Mata, Maria Cristina. Investigar lo alternativo. In Pellin. J.M. Comunicación, n30-31. Centro de Comunicación Social. Venezuela.1980 ◀◀

Matta, Fernando Reyes (org.) Comunicación y Busquedas Democraticas. ILET. México.1983

Matta, Fernando Reyes. A Informação na Nova Ordem Internacional. Paz e Terra. São Paulo.1980 ◀◀

Mattelart, Armand e Dorfmann, Ariel. Para ler o Pato Donald. Paz e Terra. Rio de Janeiro.1978

Mattelart, Armand. Comunicación e Ideolgia de la Seguridad. Cuadernos Anagrama. Barcelona. 1978

Mattelart, Armand. Comunicacion y Nueva Hegemonia. Celadec. Lima.1981

Mattelart, Armand. La Comunicacion Masiva en el Proceso de Liberación. Siglo Veintiuno. Buenos Aires. 1973 ◀◀

Peruzzo, Cicilia. Comunicação nos Movimentos Populares. Vozes. Petrópolis. 1998

Rüdiger, Francisco. Comunicação e Teoria Crítica da Sociedade. Edipucrs. Porto Alegre. 1999 ◀◀

Silva, Ludovico. Teoria y Practica de la Ideologia. Editorial Nuestro Tiempo. México, 1971 ◀◀

Verón, Eliseo. A Produção de Sentido. Cultrix. São Paulo. 1980

Verón, Eliseo. Ideologia, Estrutura e Comunicação. Cultrix. São Paulo. 1968 ◀◀